

## AS CRÍTICAS RELIGIOSAS E POLÍTICAS NOS ESPERPENTOS VALLE- INCLANIANOS

Gustavo Rodrigues da Silva

UFSCar

### RESUMO

*La hija del capitán*, escrito em 1927, é o último esperpento do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1886-1936). Esse drama possui uma vasta crítica à Igreja Católica e à Monarquia espanholas, aos políticos e ao Exército espanhóis, que formam a elite governamental e moral do país na época, e que moldam o agir e o pensar da população espanhola. Portanto, nessa obra, há uma relação intrínseca entre as áreas literária e sociológica. Antonio Candido defende que a sociedade e a literatura possuem uma relação de mútua influência. Luiz Costa Lima postula uma análise sociológica do discurso literário. O nosso objetivo nesse artigo é sistematizar essa crítica valle-inclaniana a partir do arcabouço teórico de Candido e Costa Lima, e a nossa base de análise literária será a última cena de *La hija del capitán*, pois defendemos que é nessa cena que a elite espanhola é mais duramente criticada. Com a análise, proporemos que outras visões de mundo existentes naquela Espanha de 1920 precisam ser apresentadas e discutidas.

**Palavras-chave:** Relações Sociologia/Literatura, Valle-Inclán, Esperpentos valle-inclanianos, *La hija del capitán*, Críticas religiosas e políticas.

### 1 A direita espanhola de 1900 a 1930

Em *Los conservadores españoles en el siglo XX* (2019), Feliciano Montero García e Pedro Carlos González Cuevas afirmam (2019, p. 39) que os conservadores espanhóis no século XX são a direita espanhola. Na Espanha do século passado, há uma simbiose inquebrantável entre os dirigentes católicos e os políticos da direita com a colaboração do Exército e da Monarquia. A obra revela (2019, p. 40) que esses dirigentes ajudam e respaldam esses políticos ao emprestar imagens, símbolos e mitos católicos para legitimar qualquer ação política. O primeiro acontecimento histórico importante desse período é o fim do Império Colonial Espanhol. Esse fim acontece com a derrota da Espanha para os Estados Unidos na Guerra de Cuba<sup>1</sup>, em 1898. González Cuevas e Montero García afirmam que, nesse momento de perda, os espanhóis percebem que o desenvolvimento nacional está atrasado em relação a muitas nações europeias: “El régimen de la restauración era muy semejante al vigente en Portugal hasta 1910 e incluso el imperante en la Italia meridional.”<sup>2</sup> (GONZÁLEZ CUEVAS; MONTERO GARCÍA, 2019, p. 40). O regime político vigente é a Restauração, no qual os conservadores e os

<sup>1</sup> Para maiores detalhes, consultar: BERTOLLI FILHO e SEBE BOM MEIHY, 1986, p. 9. A bibliografia completa de qualquer obra citada em nota de rodapé está na seção Referências.

<sup>2</sup> “O regime da Restauração era muito semelhante ao vigente em Portugal até 1910 e inclusive ao imperante na Itália meridional.” (tradução nossa).



liberais se alternam no poder com o apoio do rei da época. Esse regime vai de 1875 a 1917. A população em geral está atônita, triste, apagada ante o declínio mundial espanhol.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) faz o governo da Restauração entrar em crise social, política e identitária. A sociedade espanhola começa a cobrar das elites que os setores mais desfavorecidos tenham uma participação maior no governo e que a riqueza seja mais bem distribuída. Essa sociedade se espelha na Revolução Russa de 1917. Em 1918, o governo composto então pelos partidários do político conservador Antonio Maura<sup>3</sup>, e respaldado pelo exército e pela Igreja Católica, se opõe aos sindicatos. As reivindicações de autonomia catalã e vasca juntas aumentam a crise governamental. Diante dos problemas nacionais, em 13 de setembro de 1923, o General Miguel Primo de Rivera y Orbaneja faz um pronunciamento<sup>4</sup>. A maioria da direita lhe apoia e ele se torna o ditador militar que começa a comandar o país. Assim, termina a Restauração.

O conservador autoritário Primo de Rivera suspende a constituição de 1876, a vida política e o pluralismo partidário. Estabelece um diretório militar e a censura prévia. É um duro golpe para a direita mais liberal. A obra de Montero García e Feliciano Cuevas relata (2019, p. 45) que a população não se opõe fortemente às ações do ditador. Revela (2019, p. 45) que, a princípio, a Ditadura é para ser provisória, porém, quer ser duradoura. Primo de Rivera convoca uma Assembleia Nacional Consultiva<sup>5</sup>, que promulga a constituição de 1929. O documento elimina o regime parlamentar e oficializa o corporativismo. Cria-se o Conselho do Reino<sup>6</sup> para assessorar e diminuir o poder do rei Alfonso XIII<sup>7</sup>, e fortalecer o poder do ditador. Toda a oposição e até os propagandistas católicos, que são da situação, criticam a criação desse conselho. Os conservadores veem a fragilidade do rei e o desprezam.

Tanta confusão e oposição políticas enfraquecem a Ditadura a partir de 1925. Tanto os políticos conservadores como os liberais publicam algumas obras classificando a Ditadura como um despotismo ilustrado e pedindo a Monarquia Constitucional. A pressão política

<sup>3</sup> Antonio Maura y Montaner é um político espanhol. É presidente do Conselho de Ministros em cinco oportunidades durante a Restauração Espanhola. Podem-se obter maiores dados em: GONZÁLEZ CUEVAS e MONTERO GARCÍA, 2019, p. 41.

<sup>4</sup> O pronunciamento é um golpe perpetrado sempre por um militar e que é marcado por um grande discurso para a nação a fim de mobilizá-la para aceitar tal intento. Os militares usam da força física e de armamentos para usurpar o poder constituído. Para maiores informações, consultar: BERTOLLI FILHO e SEBE BOM MEIHY, 1986, p. 9.

<sup>5</sup> Primo de Rivera elabora o Real Decreto-lei em 12 de setembro de 1927, que estabelece essa Assembleia. É um organismo político composto somente por membros da situação. Dissolve-se em 15 de fevereiro de 1930. Para mais dados, consultar: GONZÁLEZ CUEVAS e MONTERO GARCÍA, 2019, p. 46.

<sup>6</sup> O Conselho do Reino é criado no final da Ditadura de Primo de Rivera e existe só por um ano. Para mais informações: GONZÁLEZ CUEVAS e MONTERO GARCÍA, 2011, p. 47.

<sup>7</sup> O Rei Alfonso XIII é o Rei Espanhol de 1902 a 1931, quando se exila em Paris e abre caminho para a Segunda República Espanhola. Ver: BERTOLLI FILHO e SEBE BOM MEIHY, 1986, p. 12.



unida à imaturidade política de seus principais dirigentes faz com que a Ditadura caia em 1930. As elites conservadoras se mostram ineficientes para estabelecer um novo governo. González Cuevas e Montero García brincam (2019, p. 47) que se instala a Ditabranda, uma semiditadura. O General Dámaso Berenguer y Fusté<sup>8</sup> assume o país e empossa ministros conservadores. Por sua instabilidade política, o General Berenguer foge do país devido às fortes oposições políticas e a semiditadura cai em 14 de fevereiro de 1931. Assume um gabinete monárquico com o comando do almirante Juan Bautista Aznar-Cabañas<sup>9</sup>. O novo governo promove eleições municipais em 12 de abril do mesmo ano. O triunfo esquerdista republicano é enorme nas cidades. O rei Alfonso XIII, que é um rei sem muita influência política, renuncia ao poder ao exilar-se em Paris. Começa a Segunda República Espanhola<sup>10</sup>.

Nas instituições e organizações da direita espanhola, nos interessa o movimento católico nas três primeiras décadas do século XX. Em *El movimiento católico en la España del siglo XX: entre el integrismo y el posibilismo* (2019), Montero García relata (2019, p. 173) que, no início do século XX, a Santa Sé tem um projeto de restauração e expansão sociais do Catolicismo pela Europa, inclusive na Espanha. Já em 1896, a Nunciatura de Madri<sup>11</sup> envia um relatório ao Vaticano. Nesse relatório, ela classifica o Movimento Católico como associações católicas, sociedades de operários católicos, a imprensa católica, entre outras instituições. Essas instituições devem restaurar e propagar o espírito católico e o reinado de Jesus na sociedade a qual pertencem. O relatório postula que os católicos devem estar contra o laicismo, e, conseqüentemente, pelas suas tendências ao Liberalismo e ao Socialismo.

De um lado do movimento católico, estão os integristas, os católicos mais tradicionais e fechados às transformações sociais; do outro, estão os possibilistas, os católicos mais abertos e receptivos ao laicato: “Por tanto la suerte del movimiento católico en España está ligada a esa relación de fuerzas internas entre el integrismo y el posibilismo, entre la tesis y la hipótesis.”<sup>12</sup> (MONTERO GARCÍA, 2019, p. 177). O autor propõe (2019, p. 176-177) que as diretrizes presentes nos relatórios católicos de 1896 e 1899 favorecem os católicos possibilistas porque

<sup>8</sup> Dámaso Berenguer y Fusté (1873-1953) é um militar e político espanhol. É o presidente da “Ditabranda” e tenta pacificar o cenário político e social sem sucesso. Um maior aprofundamento está em: GONZÁLEZ CUEVAS e MONTERO GARCÍA, 2019, p. 47.

<sup>9</sup> Juan Bautista Aznar-Cabañas (1860-1933) é um almirante e político espanhol. Convoca as eleições nacionais de 1931 nas quais a esquerda sai vencedora. Pode-se consultar: GONZÁLEZ CUEVAS e MONTERO GARCÍA, 2019, p. 47.

<sup>10</sup> A Segunda República Espanhola existe de 1931 a 1939, quando os republicanos perdem a Guerra Civil Espanhola para os nacionalistas e o General Francisco Franco é o novo comandante do país. Ver: BERTOLLI FILHO e SEBE BOM MEIHY, 1986, p. 13-57.

<sup>11</sup> A Nunciatura de Madri é o principal órgão católico da cidade de Madri e existe até hoje. Para maiores detalhes, ver o site: [nunciaturapostolica.es](http://nunciaturapostolica.es).

<sup>12</sup> “Portanto, a sorte do movimento católico na Espanha está ligada a essa relação de forças internas entre o integrismo e o possibilismo, entre a tese e a hipótese.” (tradução nossa).



pedem que os religiosos trabalhem na ordem política já existente e na laica. Ele revela (2019, p. 177) que, a partir de 1906, os católicos integristas perdem muito espaço na sociedade espanhola. Essa perda se deve ao fato da revista jesuíta *Razón y fe*<sup>13</sup>, criada em 1901, testificar a prática possibilista com a Doutrina do Mal Menor, ou seja, já que não se pode obrigar a todos os espanhóis que sejam católicos, pelo menos, se aumenta a influência católica na política e na sociedade espanholas. Entre 1917 e 1923, crescem o movimento e a organização sindicais cristãs na defesa da ordem social, principalmente na região da Meseta Norte. Montero García aponta (2019, p. 180) que o Movimento Católico é mais homogêneo na zona rural e comenta (2019, p. 180) que, depois da Restauração, durante a Ditadura de Miguel Primo de Rivera y Orbaneja, a polêmica entre integristas e possibilistas continua. Eles divergem em vários assuntos como o modelo sindical a seguir e a transparência financeira das obras sociais católicas. Durante a Ditadura, se constitui a Ação Católica Espanhola<sup>14</sup> seguindo as diretrizes do Papa Pio XI<sup>15</sup> e com o apoio do arcebispo Pedro Segura y Sáenz<sup>16</sup>, que é integrista.

Nessa questão católica dualística, é produtivo notar o que defende cada agrupação católica por meio de seus principais jornais diários, porque sustentamos que eles são os maiores porta-vozes dessas denominações, pois o que se publica no dia a dia é o que realmente está se pensando e agindo dentro do Catolicismo Espanhol. Na obra *El siglo futuro – Diario de Madrid* (1955), Francisco Carantoña e Manuel Senante relatam (1955, p. 7) que o jornal católico *El siglo futuro* surge em 19 de março de 1875 e suspende as suas atividades em 1936, antes do começo da Guerra Civil Espanhola. O jornal está a favor de Deus, da pátria unida, da Monarquia, dos tradicionalismos e dos estudos da Santa Sé. É contra os nacionalismos separatistas, o Liberalismo, o Socialismo, o Comunismo, os intelectuais, os protestantes, os ateus, os maçons e o divórcio. É um periódico integrista. Em *El pensamiento de “El Debate” – Un diario católico en la crisis de España (1911-1936)* (1983), José María García Escudero nos relata (1983, p. 7) que, em 29 de junho de 1911, durante as jornadas madrilenhas do Congresso Eucarístico Católico, o jornalista Ángel Herrera Oria decide criar o jornal católico possibilista *El debate*, que dura até 19 de julho de 1936. No prólogo da obra, Vicente Palacio Atard enumera (1983, p. XXX) os adversários do periódico: o Laicismo, o Socialismo Revolucionário e o Republicanismo. Para o periódico (1983, p. 32), os católicos

<sup>13</sup> Essa revista existe até hoje. Para maiores detalhes, ver o site: <https://razonyfe.org>.

<sup>14</sup> A Ação Católica Espanhola é uma organização da Igreja Católica Espanhola que visa à participação dos fiéis na divulgação do Evangelho de Jesus Cristo para o maior número de homens possíveis. O leitor pode se aprofundar no assunto em: MONTERO GARCÍA, 2019, p. 175.

<sup>15</sup> O mandato do Papa Pio XI acontece de 1922 a 1939 e é o grande sistematizador da Ação Católica na Europa. Ver: MONTERO GARCÍA, 2019, p. 175.

<sup>16</sup> Pedro Segura y Sáenz é bispo espanhol de 1920 a 1926 e arcebispo espanhol de 1926 a 1931 e de 1937 a 1957. Consultar: MONTERO GARCÍA, 2019, p. 180.



devem respeito ao poder constituído de fato, ainda que ilegítimo na origem. Entretanto, em primeiro lugar, sempre estão os direitos de Deus e da Igreja Católica. Segundo García Escudero (1983, p. 54), na questão social, o veículo de comunicação citado condena a eutanásia, o aborto e o anticoncepcional, pois a criança é o que tem de mais precioso na Terra. É contra o divórcio, porque o casamento e a família são instituições sociais e não, particulares. É um periódico possibilista.

## 2 A análise sociológica do discurso literário

Como arcabouço teórico para a interpretação que faremos nesse artigo, optamos pelas obras *Literatura e sociedade* – estudos de teoria e história literária (1980) de Antonio Candido e *Teoria da literatura em suas fontes* (2002) de Luiz Costa Lima. Na primeira obra citada, Antonio Candido (1980, p. 4-5) defende que a Sociologia é um ramo do saber importante no âmbito artístico-literário e faz parte dos seus contextos crítico e teórico. O crítico defende (1980, p. 4-5) que o fator social ajuda a conduzir a corrente criadora e é essencial na constituição de uma obra de arte/literária. Para Candido, o fator social é de caráter explicativo em uma obra artística/literária, portanto, um fator externo se converte em interno: “Sabemos, ainda, que o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.” (CANDIDO, 1980, p. 4, *itálicos do autor*). O autor divide (1980, p. 9-12) em seis tipos os estudos literários de fundo sociológico. Para nós, um tipo importante é o segundo, que é aquele em que as obras representam a sociedade por meio de seus vários ângulos, estabelecendo-se relações entre aspectos reais, sociais e literários. Também, nos parece importante o quinto tipo, que estuda a relação da obra literária com os aspectos ideológicos e políticos. Candido lembra (1980, p. 12) que a literatura é imitação e criação de uma realidade similar à humana, porém nunca igual.

Candido discorre (1980, p. 17-23) sobre a influência recíproca entre obra de arte e sociedade. Assim como Madame de Staël, Candido pensa (1980, p. 17) que a literatura é um produto social, pois depende de fatores do meio e produz modificações no seu público. Para Candido (1980, p. 21), a primeira ação do pesquisador literário é estudar as influências socioculturais na obra literária apoiando-se em três fatores: as técnicas de comunicação; os valores e as ideologias; e a estrutura social. O autor propõe (1980, p. 23) uma divisão didática de estudo: literatura de agregação e literatura de segregação. A primeira visa ao coletivo e à mídia acessível a todos por meio de um sistema simbólico público. Já a segunda quer renovar

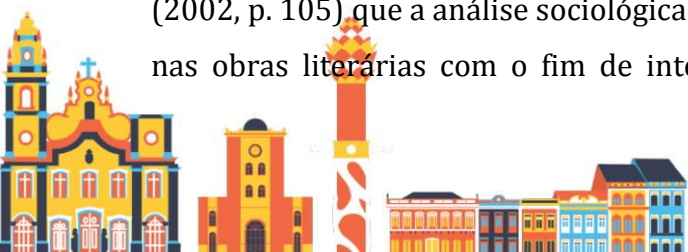


o sistema simbólico com a criação de novos recursos expressivos e o seu público é seletivo. De acordo com Candido, deve haver equilíbrio entre os dois tipos.

Ele opina (1980, p. 25) que toda obra precisa da figura do criador, do autor, daquele que decide criá-la, mesmo que a sociedade em que se insere não o considere como autor. Vaticina (1980, p. 25) que a obra surge de iniciativas individuais e coletivas ao mesmo tempo. Propõe (1980, p. 28) que, em relação à obra, as ideologias e os valores influem no conteúdo, e as modalidades de comunicação, na forma. Defende (1980, p. 29) que a obra é determinada pelo autor e pelas condições sociais. Quanto maior a sociedade, maior a diferenciação entre autor e público. Candido lamenta (1980, p. 35) que, nas sociedades modernas, o autor possa estar à mercê do gosto do público. Um exemplo é Conan Doyle, que ressuscita Sherlock Holmes, apesar de ser apenas um gosto secundário seu. São valores sociais receptivos que influenciam na conduta autoral, pois o autor pode seguir condutas externas para ser aceito em sua sociedade. Contudo, sem o aval do público, o artista fica marginalizado por muitos anos, ou seja, é refém do meio e do tempo. Assim, Candido postula (1980, p. 36) que é uma tríade indissolúvel: autor-obra-público.

Ele propõe (1980, p. 44-47) que toda obra literária possui três funções. A função total é o resultado de um sistema simbólico que propaga uma visão de mundo, a qual pertence ao patrimônio de um grupo social. Às vezes, essa visão fica para a posteridade, como é o caso da *Odisseia* (2014) de Homero. Candido classifica-a como uma obra intemporal e universal. Esse é o mesmo caso das canções primitivas e das lendas. A função social da obra literária é o papel que essa desempenha na satisfação de necessidades materiais e espirituais, no estabelecimento de relações sociais e na manutenção ou mudança da ordem social. A função social independe de uma obra específica ou de um público específico. Por fim, a função ideológica é o plasmar de objetivos específicos de autor, obra ou público na coletividade. A função ideológica se adequa melhor a objetivos filosóficos, religiosos e políticos. Candido postula (1980, p. 47) que se devem considerar as três funções para melhor compreender uma obra literária. Postula (1980, p. 55) que a literatura é uma representação de mundo que pode se ligar a uma prática condicionada socialmente.

Em “A análise sociológica” (2002, p. 105-133), capítulo da obra *Teoria da literatura em suas fontes* (2002), Luiz Costa Lima defende a análise sociológica do discurso literário porque: “subordina o seu objeto ao propósito de entendimento dos mecanismos em operação na sociedade, potencialmente capazes de caracterizá-la.” (COSTA LIMA, 2002, p. 105). Explicita (2002, p. 105) que a análise sociológica do discurso literário se centra nos discursos presentes nas obras literárias com o fim de interpretar uma determinada sociedade porque, na sua



opinião, essas obras são documentos de realidade, documentos sociais. Como consequência, deve-se conjugar o contexto histórico de uma sociedade com o texto literário em questão. Costa Lima propõe que: “Por certo, o texto sempre aponta para fora de si, seja no momento de sua produção, seja no de sua recepção, mas não é transparente a esta matéria externa.” (COSTA LIMA, 2002, p. 107). A análise sociológica do discurso literário trabalha com valores literários e sociais. Por exemplo: o valor do discurso sociológico a favor do divórcio em uma determinada sociedade e a sua representação em um discurso literário análogo. Portanto, a análise sociológica do discurso literário determina a imagem que uma obra oferece de uma sociedade, e interpreta as relações de formas e conteúdos literários com estruturas sociais estabelecidas nessa mesma sociedade. Costa Lima propõe (2002, p. 120) que a análise sociológica do discurso literário sempre busca averiguar o quanto a obra interpretada é mimética e realista em relação à sociedade real que apresenta e toma como base.

### 3 Os esperpentos valle-inclanianos

Os esperpentos valle-inclanianos são um gênero literário em si de acordo com Anthony Zahareas e Rodolfo Cardona em *Visión del esperpento – Teoría y práctica en los esperpentos de Valle-Inclán* (1977): “El primer esperpento *Luces de bohemia*, publicado en entregas en la revista España de 1920 y reelaborado en forma de libro en 1924, introduce un nuevo género teatral y literario.” (CARDONA; ZAHAREAS, 1977, p. 23, itálico dos autores)<sup>17</sup>. Cardona e Zahareas (1977, p. 27) defendem que a forma esperpêntica é uma fronteira indecisa entre a tragédia e o grotesco. Quanto ao conteúdo esperpêntico, os autores opinam (1977, p. 28) que são acontecimentos históricos espanhóis de 1898 a 1930. Cardona e Zahareas resumem essas ideias: “si ha de adquirir valor y profundidad, lo grotesco debe también tener raíces profundas no sólo en conceptos metafísicos y existenciales, sino asimismo en el terreno histórico de la experiencia cotidiana y de la circunstancia nacional.” (CARDONA; ZAHAREAS, 1977, p. 28)<sup>18</sup>. Nos esperpentos valle-inclanianos, têm-se os contrastes da tragédia clássica com a moderna, do herói clássico com a falta de um herói moderno, da Espanha como uma ex-metrópole colonial, o mito de uma superpotência e da Espanha como uma deformação grotesca europeia, um país sempre atrasado em relação aos outros países europeus. Valle-Inclán usa a metáfora do espelho proposta por Platão em *A República* (2016), o qual defende que o espelho capta a

<sup>17</sup> “O primeiro esperpento *Luces de bohemia*, publicado por entregas na revista España em 1920 e reelaborado em forma de livro em 1924, introduz um novo gênero teatral e literário.” (tradução nossa).

<sup>18</sup> “Se há de adquirir valor e profundidade, o grotesco deve também ter raízes profundas não só em conceitos metafísicos e existenciais, senão também no terreno histórico da experiência quotidiana e da circunstância nacional.” (tradução nossa).



aparência de tudo e o artista cria literariamente essa aparência. Em *Luces de bohemia*, a personagem Max Estrella propõe captar a realidade absurda e deformante espanhola por um espelho côncavo que, nesse caso, não deforma a realidade; só a reflete: “MAX.- La deformación deja de serlo cuando está sujeta a una matemática perfecta. Mi estética actual es transformar con matemática de espejo cóncavo las normas clásicas.” (VALLE-INCLÁN, 2001, p. 174)<sup>19</sup>. É uma matemática deformante perfeita tanto da realidade como da literatura. Os esperpentos literaturizam a História Espanhola e, conseqüentemente, a sociedade espanhola da época em que são escritos.

#### 4 A sociedade espanhola na literatura esperpêntica

Os esperpentos são quatro: *Luces de bohemia* (2001), *Los cuernos de don Friolera* (1990), *Las galas del difunto* (1990) e *La hija del capitán* (1990). Esses três últimos esperpentos estão reunidos na trilogia *Martes de carnaval* (1990). Analisaremos a última cena do esperpento *La hija del capitán* para mostrar como se retrata criticamente o ápice da sociedade espanhola das três primeiras décadas do século XX, ápice esse composto pela Igreja Católica, pela Monarquia, pelo Exército e pelos políticos espanhóis. *La hija del capitán* (1990) é publicado, pela primeira vez, no suplemento dominical “Letras-Artes” do jornal argentino *La nación* no dia 20 de março de 1927<sup>20</sup>. É um drama de conteúdo complexo no qual há uma paródia literária da chegada ao poder do ditador espanhol Miguel Primo de Rivera y Orbaneja em 1923. A personagem La Sinibalda é a filha da personagem El Capitán, que é chantageado pela personagem El General. Este exige-lhe a sua filha como amante em troca do silêncio dele sobre um crime que El Capitán cometeu. Sem saída, El Capitán aceita ser chantageado. Após algum tempo, cansada da situação, La Sini pede que o seu ex-namorado El Golfante del organillo mate El General. Entretanto, acidentalmente, ele mata o jogador de cartas El Pollo de Cartagena. A partir desse momento, muitas personagens se envolvem na trama para conseguir benefícios próprios com essa morte inesperada. Por exemplo, o Exército manipula informações e faz uma campanha jornalística que leva El General a ser o ditador espanhol, pois muitas personagens querem que todos acreditem que o militar é quem é o assassino. Entretanto, o Exército divulga pelos meios de comunicação que El General é uma pessoa íntegra, sem manchas no caráter e que é a pessoa indicada para governar o país. Entre outros temas, discute-se a corrupção de pessoas e instituições espanholas, inclusive da Igreja Católica Espanhola na década de 1920.

<sup>19</sup> “MAX.- A deformação deixa de sê-lo quando está sujeita a uma matemática perfeita. A minha estética atual é transformar com matemática de espelho côncavo as normas clássicas.” (tradução nossa).

<sup>20</sup> O jornal argentino *La nación* é o mais famoso da Argentina e surgiu em 1870.





A última cena retrata o dia do pronunciamento de posse de El General, que passa a governar ditatorialmente o país. Curiosamente, temos todas as ações anteriores ao discurso, porém o discurso do El General propriamente dito não. No começo da cena, um trem na estação está duas horas atrasado para partir. Nele, estão La Sini e El Golfante, que são os responsáveis pelo assassinato de El Pollo de Cartagena, um jogador do Cassino Club Minerva. Nessa cena, vemos a união da direita espanhola, ou seja, da Igreja Católica Espanhola com os militares espanhóis e o Rei Alfonso XIII. Percebemos que a ficção reflete a realidade. Como postula Candido (1980, p. 4-5), um fator externo se torna interno ao texto literário. No começo da cerimônia de pronunciamento, há acordes militares. Chega o Trem Real com o rei. Como já testificamos nesse artigo, a Igreja Católica Espanhola é a detentora nacional do poder moral e todos a reverenciam: “*El Coronel, que viste de gala con guantes blancos, obeso y ramplón, besa el anillo a un Señor Obispo. Su Ilustrísima le bendice, agitanado y vistoso en el negro ruedo de sus familiares*”<sup>21</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 295, itálicos do autor).<sup>22</sup>

Na sequência da cena, El Golfante é irônico e falso quando diz que as pompas monárquicas são uma ofensa à dignidade cidadã, pois, na obra, tanto ele como outras personagens de vários setores sociais cometem ofensas, crimes contra membros da sociedade como mortes e chantagens: “EL GOLFANTE.- Las pompas monárquicas son un agravio a la dignidad ciudadana./LA SINI.- ¡Ahora sales con esa petenera!/EL GOLFANTE.- ¡Mis principios!/LA SINI.- ¡Y un jamón!”<sup>23</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 297). Na continuação, a personagem Doña Simplicia lê um discurso favorável ao novo ditador e ao rei. A obra carnavaliza a sua figura. Ela tem cargos importantes como Irmã Maior das Beatas Catequistas de Orbaneja. Contudo, é simplória, ignorante, obesa, tem um aspecto de prostituta com peitos grandes, porém carrega muitas correntes religiosas: “EN EL ANDÉN, *una tarasca pechona y fondona, leía su discurso frente al vagón regio. Una Doña Simplicia. La tarasca infla la pechuga*

<sup>21</sup> “O Coronel, que veste roupa de gala, com luvas brancas, obeso e vulgar, beija o anel do Senhor Bispo: a Sua Ilustríssima lhe bendiz, agitado e vistoso na roda de roupas pretas de seus familiares.” (tradução nossa).

<sup>22</sup> A descrição do coronel é carnavalizada porque é uma crítica que a obra faz às personagens. Sempre as personagens de altos cargos são descritas de forma ridícula. O coronel é obeso e vulgar. Veremos mais personagens carnavalizadas ao longo da análise dessa cena. Iris María Zavala opina (1990, p. 10) que os conceitos bakhtinianos de carnavalização, dialogia, entonação, enunciação, estilização, paródia, sátira, mimesis, espelho, ideologia e imaginário social podem ser aplicados na análise esperpêntica valle-inclaniana. Ela defende (1990, p. 42) que os esperpentos se enquadram dentro de uma cronotopia carnavalizante. Inicialmente, essa cronotopia é proposta por Mikhail Bakhtin (2010) e emprega séries de análise literária carnavalizante: a série da fisiologia humana, da anatomia humana, da comida, da vestimenta, do sexo, da bebida, da escatologia e da morte. Zavala adiciona (1990, p. 43) as séries da ideologia, do imaginário social, da subversão social e da estrutura linguística. Desses conceitos, os que mais nos importam nesse artigo são carnavalização, ideologia e imaginário social. Para maiores informações sobre esses conceitos, consultar: BAKHTIN (2010) e ZAVALA (1990) ao longo das duas obras.

<sup>23</sup> “EL GOLFANTE.- As pompas monárquicas são uma ofensa à dignidade cidadã./LA SINI.- Agora, você vem com essa besteira!/EL GOLFANTE.- São os meus princípios!/LA SINI.- Princípios, uma ova!” (tradução nossa).



*buchona resplandeciente de cruces y bandas.*”<sup>24</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 297-298, maiúsculas e itálico do autor).

A Doña Simplicia mal começa o seu discurso e já observamos a sua ignorância. Ela se diz “filha” de personagens ilustres espanholas que eram mulheres contrárias ao *status quo* católico de suas épocas: “DOÑA SIMPLICIA.- Somos hijas de Teresa de Jesús<sup>25</sup>, María Pita<sup>26</sup>, Agustina de Aragón<sup>27</sup> y Mariana Pineda<sup>28</sup>.”<sup>29</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 298). Por exemplo, María Pita e Agustina de Aragón se casaram mais de uma vez; logo, não poderiam ser exemplos para os católicos espanhóis de 1927, ano de escrita da obra. Senão, vejamos, no periódico *El siglo futuro* de 25 de outubro de 1926, que há uma notícia sobre uma procissão católica ocorrida na cidade de Toledo. Entre os vários discursos, há o do político conservador Rafael Marín Lázaro. Ele é contra o divórcio e diz: “Cuando la revolución ve amenazada la sociedad con la destrucción de la familia, hasta las naciones más apartadas de Cristo volverán los ojos a Jesús Nazareno para salvarse.”<sup>30</sup> (HEMEROTECA DIGITAL, EL SIGLO FUTURO, 25-10-1926, p. 1). O periódico *El Debate* também condena o divórcio. Em um artigo de 16 de julho de 1936, se comentam os “males” que um divórcio pode ocasionar: “Queda por enunciar el mal más grave: la ruina de las almas.”<sup>31</sup> (GARCÍA ESCUDERO, 1983, p. 336). Em seu discurso, Doña Simplicia proclama que as mulheres espanholas são os anjos do lar, porém a contradição e a carnavalização entre conceitos católicos e heroínas libertárias ocorrem no fato de que as quatro mulheres que lhe servem de inspiração eram mulheres que tomavam a direção de seus grupos e nunca ficavam em casa. Eram mulheres ativas, diferente do que defende a beata para as mulheres católicas. Como propõe Candido (1980, p. 28), as ideologias e os valores de uma sociedade, no caso a da Espanha conservadora, influem no conteúdo da obra.

Na continuação de seu discurso, Doña Simplicia enaltece o Exército Espanhol que comete delitos graves tanto nessa obra como na realidade espanhola da época: “DOÑA

<sup>24</sup> “Na plataforma, uma prostituta peituda e gordona, lia o seu discurso na frente do vagão real. Uma Dona Simplicia. A prostituta infla o peito grande resplandecente de cruces e fitas distintivas.” (tradução nossa).

<sup>25</sup> Teresa de Jesús (1515-1582) foi uma religiosa e autora espanhola que questionava a Doutrina da Igreja Católica de sua época. Entre outros questionamentos, propunha uma experiência religiosa ascética com Deus. Experiência essa que não era aprovada pela Igreja Católica Espanhola de seu tempo.

<sup>26</sup> María Pita (1565-1643) foi uma famosa heroína espanhola cujo comportamento ativo foi decisivo na defesa da região espanhola de La Coruña contra os ataques ingleses em 1589.

<sup>27</sup> Agustina de Aragón (1786-1857) foi uma famosa heroína espanhola na região espanhola de Zaragoza contra as investidas francesas em julho de 1808.

<sup>28</sup> Mariana Pineda (1804-1831) foi uma espanhola executada pelo governo espanhol da época por ter feito uma bandeira com os dizeres: Lei, Liberdade e Igualdade.

<sup>29</sup> “DOÑA SIMPLICIA.- Somos filhas de Teresa de Jesús, María Pita, Agustina de Aragón e Mariana Pineda.” (tradução nossa).

<sup>30</sup> “Quando a revolução vê ameaçada a sociedade com a destruição da família, até as nações mais longínquas de Cristo voltarão os olhos a Jesus de Nazaré para salvar-se.” (tradução nossa). Nesse caso, a revolução se refere à Ditadura de Miguel Primo de Rivera y Orbaneja.

<sup>31</sup> “Falta anunciar o mal mais grave: a ruína das almas.” (tradução nossa).



SIMPLICIA.- No podemos menos de unirnos a la acción regeneradora iniciada por nuestro glorioso Ejército.”<sup>32</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 298-299). Doña Simplicia deprecia ainda mais a mulher espanhola quando fala que a voz dela é fraca, portanto, deduzimos que a do homem é forte. Para depreciar ainda mais, à mulher espanhola só lhe resta rezar e ficar em casa: “DOÑA SIMPLICIA.- Nosotras, ángeles de los hogares, juntamos nuestras débiles voces al himno nacional marcial de las Instituciones Militares. Señor, en unánime coro os ofrecemos nuestras fervientes oraciones.”<sup>33</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 299). Para finalizar a degradação da mulher espanhola, Doña Simplicia diz que ela é um tapete, serve para ser pisada: “DOÑA SIMPLICIA.- Nosotras alfombramos vuestro paso con nuestros corazones.”<sup>34</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 299). Então, como Mariana Pineda, mulher que pedia a igualdade de gênero, pode ser “mãe” das católicas do tempo de Doña Simplicia? Doña Simplicia finaliza o seu discurso reforçando que a detentora do poder nacional é a Igreja Católica porque ela unge o rei e, logo, todas as glórias nacionais: “DOÑA SIMPLICIA.- ¡Ungido por el derecho divino, simbolizáis y encarnáis todas las glorias patrias!”<sup>35</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 299). Defendemos que o discurso de Doña Simplicia representa as três funções literárias propostas por Candido (1980, p. 44-47) porque mantém, divulga e tenta influenciar muitas pessoas com a visão conservadora, da direita espanhola da década de 1920.

Após o discurso da beata, a obra carnavaliza a figura do rei espanhol: “*Aplaudió, campechano, el final del discurso, sacando la figura alombrigada y una voz de caña hueca.*”<sup>36</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 300). Em seguida, o rei faz um pequeno discurso no qual, erroneamente, profere que todos os espanhóis são conservadores, de direita: “EL MONARCA.- Ilustrísimo Señor Obispo: Señoras y Señores: Las muestras de amor que en esta hora recibo de mi pueblo son, sin duda, la expresión del sentimiento nacional, fielmente recogido por mi ejército.”<sup>37</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 300). O periódico *El debate* em artigo de 25 de outubro

<sup>32</sup> “DOÑA SIMPLICIA.- Não podemos menos de nos unir à ação regeneradora iniciada pelo nosso glorioso Exército.” (tradução nossa).

<sup>33</sup> “DOÑA SIMPLICIA.- Nós, anjos dos lares, juntamos as nossas fracas vozes ao hino marcial das Instituições Militares. Senhor, em unânime coro, vos oferecemos as nossas fervorosas orações.” (tradução nossa).

<sup>34</sup> “DOÑA SIMPLICIA.- Nós servimos de tapete para o vosso passo com nossos corações.” (tradução nossa). Tanto nessa tradução como na anterior, as palavras “vos” e “vosso” tanto podem se referir à direita espanhola formada por exército, políticos da direita, monarquia e dirigentes católicos, como podem se referir ao tratamento formal de segunda pessoa do plural para altas autoridades, nesse caso, o rei, que discursará em seguida na cena.

<sup>35</sup> “DOÑA SIMPLICIA.- Ungido pelo direito divino, o senhor rei simboliza e encarna todas as glórias pátrias!” (tradução nossa).

<sup>36</sup> “Aplaudiu, simplório, o final do discurso, mostrando a sua silhueta de lombriga e uma voz de taquara rachada.” (tradução nossa).

<sup>37</sup> “O MONARCA.- Ilustríssimo Senhor Bispo: Senhoras e Senhores: As mostras de amor que em esta hora recebo de meu povo são, sem dúvida, a expressão do sentimento nacional, fielmente acolhido pelo meu Exército.” (tradução nossa).



de 1925 defende essa união nacional da Igreja Católica, do exército, dos políticos da direita e da monarquia espanhóis: “Porque el católico, como tal católico, está obligado a defender el altar también en la política.”<sup>38</sup> (GARCÍA ESCUDERO, 1983, p. 217). No periódico *El siglo futuro*, de 05 de janeiro de 1920, lemos, no editorial, “Un manifiesto y una encíclica”: “Que estén persuadidos de que la *cuestión social* y la *ciencia social* no han nacido ayer; que en todos los tiempos la Iglesia y el Estado, concertados felizmente, suscitaron con este fin organizaciones fecundas.”<sup>39</sup> (HEMEROTECA DIGITAL, EL SIGLO FUTURO, 05-01-1920, p. 01, itálicos do autor). Também vemos no mesmo editorial: “Porque los verdaderos amigos del pueblo no son revolucionarios, ni innovadores, sino tradicionalistas.”<sup>40</sup> (HEMEROTECA DIGITAL, EL SIGLO FUTURO, 05-01-1920, p. 01). Logo, conforme propõe Candido (1980, p. 55) da simbiose entre sociedade e literatura, percebemos que essa prática totalitária da personagem El Monarca está condicionada socialmente pelos periódicos católicos da época.

Após o discurso do monarca, há sete frases de celebração das ideias basilares da Espanha conservadora da segunda década do século XX. O bispo celebra a união do rei com o Catolicismo. Doña Simplicia mostra a sua ignorância mais uma vez, pois diz que o rei é intelectual. Sabe-se que o ponto forte da personalidade do Rei Alfonso XIII é a sua passividade, a sua falta de comando e de voz na hora de discutir ideias e ações.<sup>41</sup> Doña Simplicia condena os universitários em geral por seu suposto ateísmo. É de amplo conhecimento que nem todos os professores universitários espanhóis da época eram ateus. O jornal *El debate* no artigo “Claro y justo” de 22 de maio de 1925 menospreza os intelectuais espanhóis no qual se incluem os professores universitários: “Los intelectuales españoles son, por lo general, exclusivamente literatos, unos cuantos amenos divagadores dotados, en general, de buen estilo y deficientísima formación.”<sup>42</sup> (GARCÍA ESCUDERO, 1983, p. 755). Já no periódico *El siglo futuro*, do dia 18 de junho de 1927, no artigo “Una pregunta”, o autor N. Núñez defende que a ineficácia do Leninismo está em seu caráter ateu: “El origen de esta esterilidad – principal y evidente – está en el ateísmo que informa las normas leninistas, así doctrinales

<sup>38</sup> “Porque o católico, o verdadeiro católico, está obrigado a defender o altar também na política.” (tradução nossa).

<sup>39</sup> “Que estejam persuadidos de que a questão social e a ciência social não nasceram ontem, que em todos os tempos, a Igreja e o Estado, unidos felizmente, conseguiram com essa união organizações fecundas.” (tradução nossa).

<sup>40</sup> “Porque os verdadeiros amigos do povo não são revolucionários nem inovadores, mas sim tradicionalistas.” (tradução nossa).

<sup>41</sup> Para maiores detalhes, consultar: BERTOLLI FILHO e SEBE BOM MEIHY, 1986, p. 12.

<sup>42</sup> “Os intelectuais espanhóis são, em geral, exclusivamente literatos, alguns amenos divagadores dotados, em geral, de bom estilo e deficientíssima formação.” (tradução nossa).



como de conducta.”<sup>43</sup> (HEMEROTECA DIGITAL, EL SIGLO FUTURO, 18-06-1927, p. 01). A personagem Un Patriota proclama que o rei é viril, entretanto, já relatamos que ele foge para a França com o fim da Ditadura de Primo de Rivera y Orbaneja, além de se caracterizar por sua passividade quando estava em seu reinado. Logo, contradizendo a frase celebratória de El Golfante, o rei não foi o regenerador da sociedade espanhola do início do século XX. Ainda há a frase da personagem El Profesor de Historia que proclama que o Rei Fernando VII da Espanha é um santo. Para a direita espanhola da época, todo rei era santo porque seria um enviado de Deus. Contudo, na vida de alguns desses reis, podemos perceber alguns problemas de conduta como: passividade governamental, luxúria em detrimento das más condições de vida dos pobres, roubos de dinheiro, entre outros. Em consequência, a classificação de santo é questionável. Essa sequência de frases celebratórias em favor da direita espanhola nos remete a Costa Lima (2002, p. 105), que defende que a literatura caracteriza os mecanismos de funcionamento de uma sociedade.

A cena e a obra terminam com um repórter de um diário de direita pedindo o discurso escrito do rei para publicação: “Un repórter metía la husma, solicitando las cuartillas del discurso para publicarlas en *El Lábaro de Orbaneja*.”<sup>44</sup> (VALLE-INCLÁN, 1990, p. 301, itálico do autor). Observemos o nome do jornal que tem o sobrenome do ditador espanhol Miguel Primo de Rivera y Orbaneja. Podemos aventar que seria um jornal da situação que publica só o que a direita quer, que pratica um jornalismo parcial, como vimos nesse artigo com *El debate e El siglo futuro*. O nome do jornal também faz alusão às notas oficiais que o referido ditador mandava publicar em periódicos da situação em sua época de governo. Nessa cena, observamos que a Igreja Católica Espanhola na figura de Doña Simplicia, a Monarquia na figura de El Monarca e algumas personagens de diversos setores sociais emitem suas opiniões em defesa da direita espanhola da década de 1920. Logo, como opina Costa Lima (2002, p. 107), o texto literário aponta para fora de si, para o externo.

## 5 Um breve panorama conclusivo da direita espanhola de 1920

A última cena de *La hija del capitán* é um exemplo da premissa de Antonio Candido da relação simbiótica da literatura com a sociedade que aquela retrata. De acordo com o jargão literário proposto por Luiz Costa Lima (2002, p. 106), consideramos essa cena como um documento de realidade da sociedade espanhola do começo do século XX. Conforme postulam

<sup>43</sup> “A origem desta esterilidade – principal e evidente – está no ateísmo que forma as normas leninistas, tanto as doutrinárias como as de conduta.” (tradução nossa).

<sup>44</sup> “Um repórter metia o nariz na aglomeração, pedindo o rascunho do discurso para publicá-lo em *El Lábaro de Orbaneja*.” (tradução nossa).



Rodolfo Cardona e Anthony Zahareas, essa cena literaturiza a sociedade (1977, p. 28). E como esse processo ocorre? Por meio do questionamento de discursos sociais políticos e ideológicos presentes na direita espanhola na década de 1920. Muitas vezes, esses questionamentos são feitos por sua carnavalização, pela amostra do que realmente é a direita espanhola e não do que essa direita quer que as pessoas pensem dela. Claro que a crítica não se resume só à carnavalização; pois também há discussão sem tom cômico. Essa última cena de *La hija del capitán* revela que as estruturas sociais baseadas na Igreja Católica, nos políticos e no Exército conservadores e, na Monarquia da Espanha são estruturas ocultas porque a sociedade da época é mais plural do que muitos pensavam ou queriam que todos pensassem. O imaginário social conservador desse período é equivocado. Em primeiro lugar, as figuras estéticas de alguns dirigentes são grotescas. Em segundo lugar, muitas vezes, esses dirigentes são ignorantes e corruptos. Em terceiro lugar, a cena mostra que a direita espanhola é contra todas as instituições e pessoas que podem abalar a sua “verdade” certa e segura. Como consequência, no fim da cena, aparece a parcialidade jornalística na figura do repórter tendencioso. Além do mais, todos esses “desvios” de conduta da direita espanhola são ratificados pela realidade, pelos exemplos que apresentamos dos periódicos católicos *El debate* e *El siglo futuro*. Podemos aventar que não só o repórter da obra era tendencioso, mas toda a imprensa da direita espanhola da época. Defendemos que a última cena de *La hija del capitán* ilustra magistralmente as três funções literárias de Antonio Candido (1980, p. 44-47). Essa cena questiona a visão de mundo de grupos sociais conservadores. É uma visão que pretende ser totalizadora e, por essa característica, é uma visão distorcida da realidade. Ao questioná-la, a obra faz o leitor refletir sobre outras visões de mundo encapsuladas pela dominante. Entretanto, por serem encobertas frequentemente naquele período, pensamos que deveriam florescer para serem analisadas. *La hija del capitán* discute a religião, a política, enfim, discute a sociedade espanhola por meio da literatura, uma literatura de segregação conforme o jargão literário de Antonio Candido (1980, p. 23), pois não é a habitual na leitura da grande maioria da população naquela Espanha atrasada, inclusive no campo ideológico.

## REFERÊNCIAS

BAKTHIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento* – o contexto de François Rabelais. Trad. Y. Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BERTOLLI FILHO, C.; SEBE BOM MEIHY, J. C. *A guerra civil espanhola*. São Paulo: Ática, 1986.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade* – estudos de teoria e história literária. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.



CARANTOÑA, F. *El siglo futuro* – Diario de Madrid. Madri: Imprenta de Prensa Castellana, 1955. v. 4.

COSTA LIMA, L. A análise sociológica. In: \_\_\_\_ (Org). *Teoria da literatura em suas fontes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GARCÍA ESCUDERO, J. M. *El pensamiento de “El Debate”* - Un diario católico en la crisis de España (1911-1936). Madri: La Editorial Católica, 1983.

GONZÁLEZ CUEVAS, P. C.; MONTERO GARCÍA, F. *Los conservadores españoles en el siglo XX*. Alcalá de Henares: UNED e Universidad de Alcalá. Disponível em: <C:/Users/Gustavo/Downloads/Conservadores%20españoles.pdf>. Acesso em: 23 de fev. 2019.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. T. Vieira. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2014.

MONTERO GARCÍA, F. *El movimiento católico en la España del siglo XX*. Entre el integrismo y el posibilismo. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/58908572.pdf>>. Acesso em: 2 de mar. 2019.

NUÑEZ, N. Una pregunta. In: EL SIGLO FUTURO. Edição de 18 de junho de 1927, p.1. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bne.es/issue.vm?id=0000432972&search=&lang=es>>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

PLATÃO. *A república de Platão*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2016.

SANCHEZ-CUESTA, L. Acontecimiento nacional. In: EL SIGLO FUTURO. Edição de 25 de outubro de 1926, p.1. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bne.es/issue.vm?id=0000427196&search=&lang=es>>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

VALLE-INCLÁN, R. M. del. *Luces de bohemia*. Esperpento. Estudio introdutório, tradução e notas de J. Rodrigues Ferraz. Brasília: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte Español – Consejería de Educación y Ciencia en Brasil, 2001.

VALLE-INCLÁN, R. M. del. *Martes de carnaval* – Esperpentos – Las galas del difunto. Los cuernos de don Friolera. La hija del capitán. Edição crítica de R. Senabré. Madri: Espasa-Calpe, 1990.

VARIOS. Un manifiesto y una encíclica. In: EL SIGLO FUTURO. Edição de 05 de janeiro de 1920, p.1. Disponível em: <<http://hemerotecadigital.bne.es/issue.vm?id=0000367369&search=&lang=es>>. Acesso em: 20 de jul. 2020.

VARIOS. *Razón y fe*. Disponível em: <<https://razonyfe.org>>. Acesso em: 28 de jul. 2019.

ZAVALA, I. *La musa funambulesca*. Poética de la carnavalización en Valle-Inclán. Madri: Editorial Orígenes, 1990.

